

**ENTRE A INTENÇÃO E O GESTO OU QUÃO
INTERDISCIPLINAR SOMOS? ENSAIO SOBRE A PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR E ESTUDO DE CASO SOBRE UMA
PRODUÇÃO DE ESTUDOS NO CAMPO DE FAMÍLIA**

Mary Garcia Castro

PhD em Sociologia, U. Florida. Professora aposentada UFBA; Professora UCSAL-Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea e no Mestrado de Políticas Sociais e Cidadania; Co-Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Juventude, Cultura, Identidades e Cidadania, NPEJI/UCSAL/CNPq; Pesquisadora, bolsista de produtividade do CNPq
castromg@uol.com.br

Resumo

O texto decola de aula inaugural que pronunciei em 2011 no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea-Universidade Católica de Salvador, que teve como objeto a produção acadêmica dos docentes do Programa para discutir a propriedade de práticas e enfoques interdisciplinares no estudo sobre família, gênero e geração. A primeira seção passa por referências a autores que modelam o debate sobre interdisciplinaridade. Na segunda seção por análise documental, discuto peças da produção de colegas e vivência nas ambiências citadas no âmbito da UCSAL, enfatizando a propriedade de enfoques interdisciplinares no estudo de um fenômeno multifacetado como família, a importância dos nexos entre tal campo e os estudos sobre gênero e geração, e refletindo sobre simplificações e obstáculos na relação entre a intenção de ser interdisciplinar e as práticas para tal construção. Como ser interdisciplinar e não ser generalista e simplificar debates conceituais? Em seção que discuto o lugar do disciplinar no interdisciplinar, ilustro tal preocupação, com o debate sobre o conceito de gênero, seu uso corrente em autores das mais diversas formações em humanidades e posições político-ideológicas inclusive no âmbito de estudos feministas. A experiência do Projeto Cuidar (pesquisa realizada pelo Programa de Família da UCSAL sobre cuidados com filhos pequenos, financiado pelo CNPq, que coordenei e que contou, com participação de todo o corpo docente e vários mestrandos) é revisitada. Termina com reflexões sobre limites institucionais acadêmicos que regulam a pós-graduação no país para que de fato o processo de implantação de uma perspectiva epistemológica interdisciplinar se realize, além das boas intenções.

Palavras-chaves: interdisciplinaridade, família, gênero

Abstract

The text takes off from inaugural lecture I gave in 2011 in the Post Graduate Program on Family in Contemporary Society, Catholic University of Salvador, with focus on the production of academic faculty of the Program. The objective was to discuss practices related to interdisciplinary approaches in the study of family, gender and generation. The first section of this work makes references to authors who shape the debate on interdisciplinarity. In the second section, I discuss the production of the Program on Family members, taking into account the goal of interdisciplinary approaches in the study of a multifaceted phenomenon as family, and the importance of links between this field and the studies on gender and generation. How to be interdisciplinary and not simplify conceptual debates? This question is part of a section on the importance of a sound discipline formation when interested in interdisciplinary perspective or work. I illustrate such concern, with the debate about the concept of gender and its current use by authors of diverse backgrounds in the humanities and with different political-ideological positions, including in feminist studies. I highlight the experience in a research we called “Cuidar” (it was based in a survey conducted by the Family Program UCSAL about parents care of small children. This was funded by the CNPq. I co-coordinated it and the research counted with participation of all faculty and several master degree students). I conclude with reflections on institutional limits governing the academic graduate programs in the country and challenges to an interdisciplinary epistemological perspective, despite good intentions.

Keywords: interdisciplinary perspective, family, gender

Este ensaio,¹ um livre pensar sobre quão e como interdisciplinar somos no campo de estudos de família, em particular no Programa de Pós graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL, indiretamente questiona para que serve a interdisciplinaridade em estudos sobre família, com que fins, e como pouco nos detemos quando nos declaramos ‘interdisciplinares’, o que se está convertendo em um modismo nos trabalhos na área de família, em explicitar o que entendemos por tal postura.

Reitero posição sobre o debate relativo a interdisciplinaridade que faz parte de outro texto,² quando observo:

Muito se tem escrito no Brasil e no exterior, em particular a partir dos finais dos anos 70, ainda que este não seja um marco rígido, sobre interdisciplinaridade (Fazenda 1994, Alvarenga 2007)³.

¹ Sobre ensaio ver Adorno (1986). Segundo Adorno o ensaio não tem compromisso com a empiria, com demonstrações, e se modela por questões em aberto inclusive para o ensaísta.

² In CASTRO, Mary Garcia – “Por uma epistemologia interdisciplinar no campo das humanidades.”-a ser publicado pela FAPESB, org. Terezinha Fróes, 2012

Já então se advertia para o risco de modismo de um conhecimento que no justo afã contra a fragmentação do real, poderia ser interpretado como contrario às necessidades de saber especializado e assim fragilizaria a evolução de disciplinas específicas, quando possivelmente o que mais necessitemos, minha posição nesta apresentação é de investimento em uma epistemologia que priorizando problemas sociais, existenciais, ecológicos, via construção de objetos de pesquisa, principalmente desenvolvido em equipes de pesquisadores de distintas formações disciplinares; debates constantes pautados pela alteridade, ou seja exposições ao outro, a outra, não somente de disciplinas diferentes, mas de cosmo visões, lugares político ideológicos diferenciados, ou seja pelo exercício da dialética discursiva, o enfrentamento dialógico de idéias, e o questionamento da hierarquia burocrática que divide papéis entre alunos e professores não por conhecimento ou criatividade, mas pelo posto formal institucional e estimula competitividades, isolamentos e o não exercício da solidariedade entre pesquisadores, principal motor de um trabalho intelectual prazeroso. Portanto advoga-se uma epistemologia, uma postura que questione hegemonias, sem descuidar da equação saber/poder, o que necessariamente pede perspectiva tanto multi quanto interdisciplinar e não só entre ciências exatas, biológicas e humanas, mas também entre humanas. Mas a construção de tal epistemologia pede muito mais. Pede reflexão crítica sobre totalidades, e principalmente, ambiência institucional de fomento ao trabalho intelectual crítico e criativo. Uma ambiência positiva ao trabalho intelectual não necessariamente segue cânones da academia de hoje, uma ambiência mais preocupada com resultados imediatos, preenchimento de relatórios e observância irrestrita de manuais e regulamentos.

³ “A Interdisciplinaridade apresenta-se nos anos 1960 como uma importante precursora não somente na crítica, mas sobretudo na busca de respostas aos limites do conhecimento simplificador, dicotômico e disciplinar. Sua proposta nega o pressuposto básico do conhecimento “objetivo” do pensamento simplificador de que existe um “vazio” entre as fronteiras disciplinares, conforme assinala Kuhn (1975). É secundada, nesse processo: 1º. Pelo avanço das Ciências Naturais – a física quântica e a biologia – que atestam a necessidade das trocas entre diferentes disciplinas, assim como a adoção de uma nova relação sujeito observador – objeto observado no processo de conhecimento; 2º. Secundada também pela publicação de obras com reflexões epistemológicas como a de Karl Popper, A lógica da Investigação Científica, em 1959, na Inglaterra, que introduz o princípio da incerteza na ciência pela sua proposta não de uma “confirmação” de proposições científicas, para a verificação da verdade do conhecimento, mas de “falseabilidade” das teorias, como busca de verdades provisórias.” Alvarenga, 2007.

Não existe consenso sobre o que seria uma postura interdisciplinar na produção de conhecimentos. Segundo Hector Ricardo Leis, em artigo intitulado “Sobre o conceito de interdisciplinaridade”⁴:

A interdisciplinaridade pode ser entendida como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa na sociedade contemporânea. No entanto, o conceito de interdisciplinaridade tem sofrido usos excessivos que podem gerar sua banalização. Por isto, parece prudente evitar os debates teórico-ideológicos sobre o que é a interdisciplinaridade, sendo preferível partir da pergunta sobre como esta atividade se apresenta no campo acadêmico atual. A partir das dinâmicas existentes o autor afirma que a interdisciplinaridade pode ser definida como um ponto de cruzamento entre atividades (disciplinares e interdisciplinares) com lógicas diferentes. **Ela tem a ver com a procura de um equilíbrio entre a análise fragmentada e a síntese simplificadora, assim como entre as visões marcadas pela lógica racional, instrumental e subjetiva.** (Meu destaque)

Já outros autores, como Pablo Casanova (2006) , sugerem que há que investir em debates teórico-ideológicos, já que interdisciplinaridade é construído de um processo de busca por um novo conhecimento, o chamado ‘conhecimento complexo’, quando se destaca a preocupação com totalidades, com projetos sociais, e com processos de elaboração de conhecimentos, enfatizando o legado construtivista, os trabalhos de Piaget. Assim segundo Casanova (2006: 54 in CASTRO, ver nota 2):

A ‘busca de estruturas que são comuns a duas ou mais disciplinas’ podia ser muito limitada e conservadora, por exemplo, quando se fazia apenas entre a economia política e o direito, ou apenas entre a lingüística e a história, ou apenas entre a psicologia e a ciência ou a filosofia, como um ou disjuntivo e excludente. As interações conservadoras e tranqüilizadoras (*rassurantes*) podiam respeitar ‘ignorâncias recíprocas’ e frear a pesquisa de ‘estruturas comuns’ que só um profundo trabalho interdisciplinar chegaria a compreender. Essa preocupação, e a mais geral de vincular a interdisciplina à epistemologia, levaram Piaget a expor de maneira mais profunda o problema **da construção do conhecimento e da totalidade** (de ambos). Disciplina e interdisciplina não ficaram apenas no ‘rol’ dos signos e dos desígnios, dos saberes e das ciências. Buscaram também construir vínculos de **causalidade** (b de a) e outros de **implicação** (para b é necessário a) e outros de **insuficiência**. Causalidade, implicação, insuficiência apareceram relacionados com a intenção de explicar, ou de alcançar objetivos e valores, ou de destacar o que faltava na explicação, ou o que era necessário encontrar ou construir para alcançar determinados objetivos e valores. Causalidade, implicação e insuficiência apareceram, assim tanto nos conceitos quanto nas operações. (ênfase do Autor).

⁴ In CADERNOS DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIENCIAS HUMANAS - http://cmappublic2.ihmc.us/rid=1181318845890_1252767148_7539/CadPesIDCieHum_2005_73_1.pdf - CONSULTADO 1.2.2011

Este texto tem objetivos mais modestos, que retrazar os debates teórico-epistemológicos sobre interdisciplinaridade (ver nota 2- sobre texto em que tal exercício é iniciado), ainda que os considere necessários.

Este ensaio foi enriquecido por leituras de alguma produção de vários colegas e alguns alunos do Programa de Pos Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, UCSAL⁵, e em especial sobre a prática do Projeto **Gênero e Família em Mudança: Participação de Pais no Cuidado Cotidiano de Filhos Pequenos**, correntemente referido como o **Projeto Cuidar** -pesquisa, com financiamento do CNPq, sobre paternidade e maternidade em famílias com filhos pequenos em Salvador, que foi desenvolvida entre 2009 a 2011 (na gráfica, a ser publicada pela EDUFBA em 2012) e que envolveu a maioria do corpo docente e muitos alunos do Programa.

Mas por limitações variadas não necessariamente explícito as autorias de tais contribuições, nem recorro aos trabalhos consultados, contudo é de leituras próprias de textos de colegas que modelo as questões que aqui comparto. Portanto, insisto, são questões sugeridas por leituras próprias, apropriações, que correm o risco de serem indevidas.

No Programa de Pos graduação em Família da UCSAL a convivência acadêmica mais próxima com colegas de formações disciplinares variadas e que buscam enfoques interdisciplinares, por exemplo com a Prof. Vanessa Cavalcanti, co coordenadora comigo do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Juventude, Identidade, Cultura e Cidadania-NPEJI, e os alunos que dele participam; com a Prof. Ana Carvalho (co-coordenadora do projeto Cuidar, e uma de suas idealizadoras) com quem há muito discuto no virtual, e com o Prof. Menezes, com quem comparti uma rica experiência, qual seja ministrar juntos um curso sobre Sexualidade, Gênero e Família, buscando contra pontos e interfaces entre autores de diferentes disciplinas, muitos com posições divergentes, e nós mesmos, ele e eu, assumindo debates em sala de aula, sem apresentar aos alunos idéias consensuais. Essas foram práticas que colaboram na defesa da idéia de que interdisciplinaridade é um processo de redesenhar formas de conhecer e se acercar criticamente das nossas verdades. Tais práticas de relações sociais no Programa colaboram implicitamente para algumas teses nucleares deste texto, que adianto e que

⁵ Agradecimentos especiais às doutorandas Claudia Barbosa e Maria de Fátima Di Gregori, ambas do NPEJI, pelos textos enviados como subsídios para o debate sobre interdisciplinaridade e família. Também muito devo às colegas Ana Carvalho, Vanessa Cavalcanti, Lucia Moreira e Elaine Rabinovich pelas trocas de idéias por emails sobre o tema. Ana Carvalho vem acompanhando angustias e colaborou com reflexões básicas para a formatação das questões aqui apresentadas.

não assumo que as desenvolverei exaustivamente. São teses questões, que navegam em um ensaio, , ou melhor questões para teses, para um processo de possivelmente longo redesenhar do conhecimento.

QUESTAO 1: IMPORTANCIA DE ENFOQUES INTERDISCIPLINARES SOBRE FAMÍLIA

É consenso de que se faz necessário mais investir em trabalhos interdisciplinares, pois nem uma disciplina ou perspectiva intelectual dá conta não só da totalidade família, nem se aproxima parcialmente desse constructo pelo mesmo caminho teórico-metodológico-político.

Segundo a Prof. Ana Cecília de SOUSA BASTOS, psicóloga, colaboradora do Programa, na apresentação do livro “Pos modernidade e Família. Um itinerário de compreensão” (2003:12) do colega sociólogo, Prof. João Carlos Petrini:

O campo de estudos sobre família, marcado inicialmente pela interdisciplinaridade, sofreu ao longo das últimas décadas do século 20, um processo de fragmentação. Se, por um lado esse processo permitiu uma abordagem mais aprofundada de aspectos específicos (antropológicos, sociológicos, psicológicos, educacionais, etc.) implicou por outro lado em certo esvaziamento do próprio objeto família, tendência que só muito recentemente começa a se reverter. É necessária maior amplitude no estudo da família, até mesmo pela magnitude dos problemas sociais cuja compreensão e cujo equacionamento exigem, com urgência crescente, uma atenção e uma valorização adequada à sua condição.

Vários outros professores integrantes do Programa, por raciocínios e vetores diversos, frisam também em seus trabalhos, a importância de transitar por disciplinas, já que nenhuma seria suficiente para apreender a diversidade de tipos de famílias, suas realizações culturais e históricas, como frisa a antropóloga, Prof. Livia FIALHO COSTA (in JACQUET E FIALHO COSTA 2004); ou os sentidos simbólicos e ativação de subjetividades, resiliências, constituição de redes de afeto e cuidados, como sugerem os textos de colegas tais como os/ as Professoras Elaine Pedreira RABINOVICH, Ana CARVALHO, Lucia Vaz de Campos MOREIRA e Jose Euclimar Xavier de MENEZES, por exemplo.

A interdisciplinaridade seria acionada para melhor compreender como a família é a um tempo uma relação social singular e está inserida e modelada por varias relações

sociais que compõem sistemas como os de gênero, geração, raça/etnicidade e classe social.

Ou seja, para nos afastarmos de lugares comuns, idealizações sobre a instituição família, haveria que contextualizá-la historicamente, e não ocultar violências, conflitos, negociações, por exemplo entre cônjuges e entre pais e filhos, e principalmente divisões sexuais de trabalho, poder e prazer e silenciamentos de culturas, códigos geracionais, como sugerem textos das Professoras, também do Programa, Vanessa CAVALCANTI e de Mary CASTRO, assim como outros autores.

A relação entre pobreza, violências e famílias é também explorada recorrendo a vários saberes por colegas, e.g., PETRINI, Miriã ALCANTARA, Lucia MOREIRA e Vanessa CAVALCANTI.

A preocupação de um saber de intervenção, e que tende a tutela normativa, como o direito, vem contribuindo para ampliação do acervo de estudos críticos sobre tal conhecimento, por parâmetros de outros, das ciências sociais. Tal preocupação seria uma das razões básicas para que autores do campo do direito busquem apreender vivências e representações de pessoas no concreto real, lógicas de famílias no concreto real, em um afã de que as leis se humanizem e fiquem atentas a diversidades, obstáculos estruturais e limitações sociais à vida em família. Ou seja, reconhece-se que a lei do Pai, não necessariamente expressa a vontade da família, e muito menos de identidades tuteladas. É quando, por exemplo, se passa a discutir direitos das crianças, dos idosos, das mulheres, dos jovens, a partir do princípio da co responsabilidade Estado e família, evitando as comuns inculpações a tal instituição pelo que se consideraria ‘desvios’ de uma normalidade idealizada e não elementos de uma sociedade de mercado, ou de uma cultura que potencializa violências.

Essa é uma preocupação, que leio, por exemplo, em textos da colega juíza de direito, Prof. Isabel Sampaio OLIVEIRA LIMA, em suas chamadas para que em direito de família mais se recorra à história, à sociologia, à antropologia e outras ciências humanas e sociais.

Em muitos estudos sobre família, a consideração de que a família é ao mesmo tempo uma construção social, uma rede de relações, que se modela e remodela em diferentes tempos históricos. Que seria não somente um construto de ordem simbólica, a nível molecular, na micro política, mas subjacente, a um inconsciente coletivo, molar, para uns sustentado na materialidade de processos históricos, pedindo portanto entrelaçamento de conhecimentos pautados por paradigmas do materialismo histórico.

Mas, para outros autores , a interdisciplinaridade na análise da família pediria outra epistemologia, em que a crítica não seria propriamente ao disciplinar, mas a paradigmas, como da razão iluminista. É sugestivo o título de capítulo de livro do Prof. PETRINI, sobre o conhecimento relativo à família, qual seja “Causas da crise da razão: o descolamento entre razão e senso religioso” (Petrini 2003: 49). Autores de orientação teológica, em textos produzidos no âmbito do “Seminário Família: um dialogo interdisciplinar”, promoção do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, quando parte do Instituto da Família-em 2004, que deu origem ao livro “Família em Mudança” (org. Christine Jacquet e Livia Fialho Costa) há referencias a importância do interdisciplinar, destacando o debate sobre transcendência, afirmando a propriedade de um conhecimento próprio, uma “leitura teológica” , referindo-se a uma ‘antropologia bíblica’, a uma “antropologia cristã” (expressões in textos dos teólogos Genival Machado e Josafa Menezes da Silva, na publicação citada). Segundo Genival Machado (in Jacquet e Fialho da Costa 2004:311 e 312):

Na busca do dialogo multidisciplinar, a contribuição da filosofia e da Teologia marca um modo de ordenar e dar significação ao mundo.....Na correspondência interdisciplinar, a Filosofia, a Teologia e a Antropologia realizam uma interação originaria e de modo completo, recíproco e complementar, debruçam-se sobre o corpo e a corporeidade humanas para conferir o significado e a expressividade habitual que fazem residir em si os mais variados valores, e, com seu movimento, revelar-se ‘(...) como elemento integrador na comunicação com o sobre-humano’ (Santos 2002, p 38). Corpo e corporeidade se abrem também à transcendência, são fatores de transcendência

Ou seja, por diferentes argumentos, nortes quanto a saberes/poderes, vários colegas no Programa advogam a propriedade da interdisciplinaridade, do transito entre saberes, o que questiona a idéia de que interdisciplinaridade leva ao ‘equilíbrio’, à harmonia.

Coloca-se também em suspenso, o principio que advoga Casanova (2006 in Castro, 2011-a ser publicado), de que através de caminhos interdisciplinares se chegaria, a um conhecimento complexo com um projeto emancipador. Segundo CASANOVA 2006: 41 in Castro, op cit.):

A criação do novo implica uma série de conhecimentos ‘necessariamente interdisciplinares’. Supõe uma nova divisão de trabalho, uma nova divisão interdisciplinar da pesquisa, da docência e da difusão. Essa nova divisão requer a superação da disciplina sem descuidar da especialidade. Exige também a atualização da educação científica, a reformulação dos conceitos de cultura geral e o fomento à cooperação multidisciplinar, enquanto se criam e fortalecem conhecimentos interdisciplinares.

Segundo Piaget: 'O problema científico da 'criação de novidades' significa uma nova divisão de trabalho em que um especialista registra no trabalho do outro o que lhe interessa'. Obriga a estudar as partes e o todo de um modo estrito, mas distinto. Supõe novos perigos, como ler alguns livros de maneira não linear.

Autores que entrelaçam sociologia e teologia, como Petrini também sugerem que a permanência, o apelo da família para o ser humano, na história, requer reflexões resgatando a transcendência, no caso mais relacionada ao criacionismo. Minha leitura, como tudo que aqui cito, de forma simplificada, sobre orientações de trabalhos de colegas.

Em estudos sobre família, por mais que nos consideremos interdisciplinares, parece que correm em paralelo os estudos voltados a estratégias de sobrevivência, resiliências, adaptações, constituição de redes, vínculos, relações sociais como as de gênero e geração no âmbito da família, arranjos dos grupos familiares na cotidianidade, ou seja aqueles voltados a estratégias da imanência, no plano da micro política, e aqueles que indagam sobre estratégias da transcendência, sentidos que em tempos de inseguranças e impotências mais ganham força.

Será que é absurdo que seja propriamente um autor que se alinha ao estruturalismo crítico, à crítica materialista, à crítica ao ethos cultural e organização político social do capitalismo, aos tempos de tirania do mercado sobre desejos e afetos, ou do que chama 'amor líquido' e relações fluidas, narcísicas, quem observe que a perenidade da instituição família, vai além da sua funcionalidade empírica? Ou há também várias epistemologias sobre transcendência?

Bauman sugere que a filosofia tem muito a dizer sobre permanências da família, em tempos de "disfuncionalidade" instrumental de tal instituição. Em tempos de "amor livre", dissociação entre reprodução e sexualidade, mercantilização do afeto, descompromissos nas relações afetivo sexuais, emancipação da mulher, autonomia dos jovens, economia de cuidados pelos Estados de bem estar social e dominância do público, do jurídico, da lei, normatizando o privado, abrindo este para o público, enquadrando em leis a intimidade. Mas quem precisa ainda de família? Por que ainda sobrevive a família? Para alguns porque aqueles processos de modernização, individuação, ainda estão incompletos ou porque a família ainda seria funcional à vida gregária, ao enfrentamento da hostilidade da res pública, da coisa pública. Para alguns autores a família ainda é básica para a reprodução capitalista, em particular em países

em desenvolvimento, em que o Estado de bem estar é uma utopia. Pierpaolo DONATI, em “Família no século XXI,” enfatiza a propriedade da família pelos “bens relacionais”, subjetivos e objetivos que essa forma de vida e só essa conseguiriam prover.

Transcrevo texto que juntamente com Menezes escrevemos para introdução do livro “Família, População, Sexo e Poder”, publicado pelo Programa, para defender o princípio de que o conhecimento interdisciplinar deve tentar também transitar por diferentes altitudes analíticas, resgatando a preocupação sobre sentidos da família além das representações discursivas, veiculadas em falas individualizadas:

Segundo Bauman (2000) tanto a nação como a família são totalidades que se encaixam na estratégia da transcendência, procurando conferir sentido à vida, desafiando a morte pessoal, promovendo a imortalidade coletiva. Perdura-se na família, e na família se é. Nesse espaço íntimo e concreto vivenciam-se alegrias, afetos, vínculos, generosidades e violências. Para Bauman:

A família utiliza ainda mais claramente do que a nação jamais usou a dialética tipicamente moderna entre transitoriedade e durabilidade, entre mortalidade individual e mortalidade coletiva. É na instituição da família que todos os aspectos assombrosamente contraditórios da existência humana – mortalidade e imortalidade, fazer e sofrer, determinar e ser determinado, criar e ser criado – encontram-se de maneira mais viva e entram num jogo interminável de mútua sustentação e fortalecimento. Todo mundo nasce em uma família e todo mundo pode (e deveria ser chamado a participar do surgimento de uma família) A família de que somos frutos e a família que criamos são elos de uma longa cadeia de parentescos e afinidades que precede o nascimento e sobreviverá à morte de todo indivíduo nela incluído. Mas para durar, ela precisa da zelosa contribuição de cada um. Na família, o drama da imortalidade constituído pelos feitos dos mortais é encenado para todos assistirem e representarem (Bauman 200, p 44-in Castro e Menezes, Apresentação-in MENEZES E CASTRO, org., 2009:13)

A interdisciplinaridade é uma perspectiva que potencializa saltos paradigmáticos, mas depende das perguntas, dos interesses e dos tipos de saberes que são combinados. Em si não é fórmula mágica para novos conhecimentos. Os estudos sobre família vêm progressivamente privilegiando poderes de intervenção, como políticas públicas, importante norte, mas os trabalhos compreensivo-reflexivos sobre sentidos na história da humanidade, de um sistema social, de um tempo, de uma geração que preza, mesmo que a remodele, simbolicamente, a família, são perguntas que estão pedindo mais investimentos e a concorrência de múltiplos saberes.

Alguns colegas no Programa, vêm desenvolvendo análises comparativas, combinando saberes, como sugere trabalho da Prof. Ana CARVALHO, no âmbito do

Projeto Cuidar, a ser publicado, intitulado “Família e cuidado parental no ser humano: um olhar biopsicossocial “. O resumo desse trabalho , elaborado pela autora, por si indica um tipo de perspectiva interdisciplinar em uso, do qual destaco duas propriedades importantes ,para tal perspectiva, quais sejam: o domínio do disciplinar e a filiação a uma corrente de pensamento, a uma epistemologia, mais que a uma disciplina, o que mais permite trânsitos e nexos entre saberes, pois resgata estruturas comuns de conhecimento. Ou seja, não basta que um trabalho se auto intitule de interdisciplinar porque recorre a conceitos de distintas áreas do conhecimento, alguma teoria mais ampla, é necessária para dar chão a trânsitos, permitir as migrações conceituais e , disciplinares, que no caso do trabalho de Ana Carvalho, seria uma concepção evolutiva, de corte histórico materialista sobre a vida. Segundo CARVALHO (a ser publicado):

Esta apresentação explora a literatura visando examinar possíveis contribuições da perspectiva psicoetológica para a compreensão da família e das formas de cuidado parental, considerando a lógica da evolução, aspectos psicobiológicos e as complexas interações da natureza humana com contextos de desenvolvimento. Com esse objetivo, reexamina a concepção de família como instituição culturalmente arbitrária, sem qualquer fundamento biológico, procurando: situar comparativamente a parentalidade humana no campo da evolução dos primatas e as funções adaptativas do grupo familiar no processo evolutivo humano, na história e nas diferentes configurações das sociedades humanas, e buscar os nexos entre variabilidade de configurações familiares e modos de vida.

Insisto que me identifico com a preocupação dos colegas do Programa na busca de perspectivas interdisciplinares, mas também preocupa, como afirmam outros autores, a banalização do uso do conceito de interdisciplinaridade e sua operacionalização simplificada, ou seja, como combinação de enfoques disciplinares nos estudos de um objeto, no caso família, sem considerar fronteiras axiológicas, estruturas, quadros conceituais e tipos de poderes advogados explicita ou implicitamente por diversos saberes.

QUESTAO 2: INTERDISCIPLINARIDADE E DISPUTAS DISCURSIVAS

Considero que interdisciplinaridade mais que combinar disciplinas, ou discutir a família por diferentes olhares, e projetos políticos, sociais, é um conhecimento complexo que envolve uma disputa discursiva e um projeto cognitivo, daí sugiro outra questão.

Discordo de autor antes mencionado, Hector Ricardo Leis , quando advoga que a interdisciplinaridade seria uma forma de conseguir equilíbrio entre saberes, ‘sínteses’. Entendo que interdisciplinaridade não se constrói apenas içando pontes entre disciplinas, mas principalmente por um processo de debates entre posturas, projetos, cosmovisões, inclusive entre razão científica e razão teológica, e o que os pós modernos, de forma pejorativa chamam, “as grandes narrativas”, como as perspectivas do materialismo científico sobre mudanças de sistema sócio político cultural e micro política, e os questionamentos sobre essências do humano, assim como o ideário de políticas de identidade, orientações que modelam olhares sobre a família.

Disputas discursivas não implicam necessariamente em pugilatos, extermínio do outro, mas reconhecer campos de alianças possíveis, comunalidades e colaborações, mesmo que relativas e estratégicas, e demarcações de fronteiras, projetos de vir a ser, códigos e estruturas, respeitando a identidade do outro conhecimento, mas principalmente por uma razão crítica do discurso disciplinar..

Contribui muito para tal tese, a meu juízo, a reflexão do Prof. Menezes sobre Foucault. MENEZES (2004) no texto “Usos Foucaultianos da Categoria Família” (na antologia “Família em Mudança”- JACQUET e FIALHO COSTA) nos sugere contribuição de Foucault para um enfoque interdisciplinar: entender que todo saber se entrelaça com a afirmação de um poder. Cabe, portanto recorrer a um texto não somente pelo que esse pode contribuir a um tema, mas proceder primeiro a sua exegese, à crítica, em particular dos conceitos usados. Segundo MENEZES (2004:292):

Um outro elemento que desperta o olhar do leitor é o fato de que, a rigor, em todos os textos do autor de “Historia da Sexualidade” (Foucault 1985), estejam reunidos os discursos derivados de múltiplas ciências do homem, seja no uso singular que Foucault faz de alguns conceitos, seja na crítica que o autor dirige aos resultados que tais saberes esboçam nas suas investigações acerca do humano. Para o bem da clareza, tendo sob seu olhar, as figuras do louco, do perverso, do presidiário, do educando, etc., Foucault arrola os saberes que se apropriam destes objetos, a saber, psicologia, psiquiatria, medicina, psicanálise, direito, pedagogia, etc....

.....
Portanto não se trata de investigar as verdades sobre o objeto, derivadas de aplicações metodológicas determinadas por uma dada ciência, mas sim de inquirir os modos pelos quais tais ciências elaboram as verdades imputadas ao objeto mirado em suas lentes

Ora, considero que é fundamental para a busca de um trabalho interdisciplinar, a reflexão de Menezes, de separação entre *doxa* e realidades sociais, ao destacar que Foucault não se interroga se tal conhecimento serve para descrever e compreender um

tipo de família específica, uma realidade social dada. Recorre à arqueologia do conhecimento em foco.

Caberia portando mais discutir por que conceitos, por que idealizações, por que visões de mundo, da historia, se faz referencia à família? Ou seja que família, ‘cara pálida’? A família burguesa, na época vitoriana, sobre a qual decolou a psicanálise Freudiana, por exemplo (como bem discute a psicóloga e doutoranda Marlene Brito de J. Pereira, em sua tese de mestrado defendida em 2008, no Programa, “Gênero como variante do micro poder familiar”)?

Insisto, hoje mais nos perigos da banalização, do que se entende por interdisciplinar-bricolage de textos ou ‘fiscada’ de conceitos de outras áreas, desde que sirvam aos argumentos do pesquisador, que propriamente à arqueologia do conceito, investigação epistemológica quanto a estruturação de um conhecimento e principalmente o poder difundido na doxa, em um conhecimento.

Uma ilustração, de ‘fiscada’ conceitual complicada, em nome da interdisciplinaridade: o uso do conceito de gênero em estudos sobre família

Uma ilustração dos perigos da simplificação ou omissão da análise conceitual, em alguns estudos sobre família, é o uso que em vários textos vem se fazendo do conceito de gênero. É comum considerar que gênero e sexo se referem ao mesmo objeto. Chega-se a se referir a gênero como ‘variável’.-heresia estatística, já que variável pede recorrência a escala, como por exemplo de intervalos. Em outros textos, gênero seria subentendido como um tipo de relação social, pautada pela heteronormatividade (entre conjugues, se a referencia é a família), confundindo portanto gênero com espécie de gênero. Muitas vezes se maneja o termo gênero com uma orientação estrutural funcionalista, destacando-se “papeis “-femininos e masculinos. Ora nem todas as autoras feministas conceituam gênero pelos mesmos constructos teóricos, ou se filiam a uma mesma corrente de pensamento, ainda que varias usem o conceito de gênero, o que não se leva em conta quando se pinça de texto da outra área, o conceito. Algumas correntes no debate feminista enfatizam diferenças, outras complementaridades, outras condicionantes estruturais, sendo que algumas destacam a sexualidade., e outras, mais

relacionadas a debates Lacanianos, enfatizam a linguagem, por exemplo ⁶ Sem se discutir antes o que entende por relações de gênero e relações intergeracionais; que autores estão subsidiando tal uso, podem se realizar combinações estranhas, ou o que se chama em epistemologia, “reificação conceitual” ou “falácia de níveis equivocados”.

Não ao azar defendem muito teólogos o que chamam “Antropologia bíblica”, ou “Antropologia cristã”, explicitando o seu lugar de fala. Já os antropólogos se apresentam, por exemplo, como culturalistas, estruturalistas, pos estruturalistas, entre outros DNAs E os sociólogos também nunca deixam de apresentar seu sobrenome, sua família de pensamento: somos alguns, interacionistas simbólicos, outros funcionalistas, outros marxistas, estruturalistas, pos estruturalistas, etc. Será que todos recorrem à gênero com uma idêntica modelagem conceitual?

De fato alguns estudiosos tentam casamentos entre orientações, por exemplo, a filósofa Judith Butler (2005) fala em uma aproximação crítica a gênero via a combinação do marxismo e o pos estruturalismo. Mas insisto, são casamentos que pedem ir para o divã, ou seja proceder à crítica de cada doxa, como insiste Menezes se remetendo a Foucault.

Assim há que ter cuidado, por exemplo, com o uso de conceito de gênero e de geração no âmbito da família. São múltiplas as concepções tanto no feminismo, como na sociologia, para citar alguns casos, e usar gênero para uma perspectiva de complementaridade de ‘papeis femininos e masculinos na família, harmonia do casal, seria uma heresia segundo vários autores feministas, como da antropologia, da sociologia e da psicologia, por exemplo, que apostam na dialética, considerando que gênero implica conflitos e negociações e nem sempre por vontade dos atores e atrizes envolvidos na trama, assim como relações intergeracionais. E para autores pos estruturalistas, como Judith Butler (op cit.) e outros, gênero não é relação entre os sexos, não diz respeito ao ser homem ou ser mulher. Questionando Beauvoir, o celebre “não se nasce homem, nem se nasce mulher”, Butler (op. cit) discute o querer ser, o poder ser, homem ou mulher, ou poder não se fixar, mas transitar por tais referências, em diferentes momentos. As produções simbólicas sobre tais construtos, performáticas que

⁶ Para uma discussão sobre polemicas em relação ao conceito de gênero, por autores no feminismo, ver Castro, Mary Gênero e Poder. Leituras Transculturais --Quando o Sertão é Mar, mas o Olhar Estranho, Encalha em Recife, Revista “PAGÚ”, 1/2002

decolam de materialidades de vida, que transitam por combinações, mas tem como núcleo definidor, construções e representações sobre a sexualidade, sua vivência ou idealização podem modelar tipos de família, vivências de/em tal instituição.

Esses são debates contemporâneos que não precisam estar presentes em todos os trabalhos sobre família, mas não devem ser ignorados.

Construção da Interdisciplinaridade, e a importância do disciplinar e o multidisciplinar.

O meu argumento é simples: Para um trabalho interdisciplinar sólido, ou mesmo disciplinar, há que tomar muito cuidado com os conceitos usados, e discutir o que se entende por esse ou aquele conceito. E , desculpem a provocação: todos no campo de família, cada vez mais nos gabamos de ser ‘interdisciplinares’ mas comumente capturamos um termo de outra área, de outra corrente, um termo muitas vezes em disputa nesses campos, e o integramos a nossa análise, silenciando tais instabilidades, que além de disciplinar, corre por uma doxa de poder específico.

Nossa aproximação ao tema família , mesmo embasado por múltiplas leituras, é uma aproximação à uma totalidade complexa. Quanto mais exercemos o conhecimento dialógico, que não busca a complementaridade ou a harmonia, impossível e indesejável, mas a disputa discursiva, o se aproximar e criticar o outro conhecimento, outra proposta de poder, mais nos afinamos disciplinarmente, mais nos aproximamos do ideal de transdisciplinaridade, onde o tema, a vida, ou um projeto de vida, e a finalidade do estudo, mais que as disciplinas nos orientem.

Negociações são possíveis, mas sem jogar por debaixo do pano incompatibilidades de projetos. A maioria dos textos sobre família, sugerem um consenso implícito, considerando a família como “uma relação social.” Mas o que se entende por relação social? Que construtos entram em tal relação? Ai começam as divergências, então o mais importante em família, insisto é evitar ‘vaguezas’, ou , desculpem a expressão, ‘comunhões conceituais’.

Foucault, anda segundo o texto de MENEZES (2004) , refere-se à família como locus privilegiado de controle da sexualidade, por exercício de um poder que não necessariamente, ao contrario, cada vez menos ,apela para a repressão implícita. E esse foi por muito tempo um erro de algumas de nós feministas nos anos 70, ao considerar a família como antítese da individuação, em especial, feminina, já que concebíamos as

relações de gênero como pautadas em um contrato sexual de subjugação da mulher. Por muito tempo não entendemos então porque a mulher tanto valoriza a figura da mãe, se ela muitas vezes se antepõe à realização da busca do ser mulher, se tal busca pode se “desidentificar” (Butler 2005) de padrões socialmente convencionados como próprios de uma relação de gênero, como a mulher cuidadora versus o homem provedor.

Hoje muitas pesquisadoras feministas, e em nosso Programa, temos ilustrações ricas, como os trabalhos de Vanessa Cavalcanti com orientandas, como Barbara Caldeira . Maria de Fátima Di Gregori, e Claudia de Faria Barbosa investigam que poderes estão em pauta na relação familiar, construções simbólicas, e a sedução e gratificação que se pode adquirir de estar em relações de poder, que externamente são classificadas como opressivas, mas que se alimentam de uma ‘ética do cuidar’.

TERCEIRA QUESTAO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM CONHECIMENTO POR CAMINHOS INTERDISCIPLINARES- A AMBIÊNCIA INSTITUCIONAL

O terceiro juízo que destaco, é que a interdisciplinaridade no campo de estudos sobre família, construída por debates sobre projetos de família, na ambiência acadêmica, é ainda uma vontade reprimida, desejo de muitos de nós, mas não é uma pratica. Inclusive porque a academia cada vez menos é um lugar de debate, de disputas de idéias e mais uma fabrica de produção de mercadorias, como artigos que quando muito são apresentados e debatidos em congressos ou em uma aula, mas não entre pares de uma mesma instituição, na comunidade de pertença intelectual, a academia, a escola, que segundo Hanna Arendt, seria a “casa da razão”. Ora razão é debate , analisar doxas, tornar transparente e ter a capacidade democrática de estimular disputas entre saberes/poderes, friso.

De fato não sei se somos interdisciplinares, mas tentamos. E a questão está fora de lugar, uma vez que mais do que indagar se um autor, uma obra é ou não é interdisciplinar, a questão seria: há condições, ambiência institucional para um saber que se pretenda interdisciplinar? Não há dialogo, disputa, debate intelectual possível em uma academia, que vem se estruturando pelo principio capitalista da competição, da produção em serie, do “publique ou lhe devoro”, separando cada vez mais o intelectual, o critico, o ensaísta, do acadêmico e do analista de estudos de caso. Deixo essa questão

em aberto, como tantas outras, o que é próprio de um ensaio, mas esses são os portos de decolagem das questões que abordo neste texto.

Estudos de caráter histórico, voltado a análise de estruturas sociais, e filosóficos, sobre sentidos coletivos, elaborações teórico conceituais sobre família e outros que pedem perspectiva longitudinal e reflexiva, ou seja trabalhos de fôlego, a longo prazo, vêm sendo sacrificados na atual ambiência acadêmica.

O trabalho de Goran Therborn (2006) “Sexo e Poder, a Família no Mundo, 1900-2000”, explora três temas em profundidade, ou seja por ampla pesquisa bibliográfica de diferentes tipos de fontes-o patriarcado, o papel do casamento e do não casamento na regulação do comportamento sexual e nas ligações sexuais, e a fecundidade - para entender regimes familiares em diferentes regiões. Foi publicado em 2006, foi iniciado em 1993 e segundo Prefacio do autor, teve sua elaboração enriquecida por debates em cursos dados em distintas universidades européias. Teríamos acadêmicos no Brasil, condições institucionais de desenvolver um trabalho de tal envergadura?

O Programa de Pos Graduação em Família da UCSAL vem se destacando por permitir estudos diversos quanto a diapasão cognitiva, assim vários de nós nos enveredamos por pesquisas empíricas, alguns combinando caminhos quantitativos e qualitativos e outros por ensaios, buscando, como sugere o sub título de livro de Petrini, “Pos modernidade e Família. Um itinerário de compreensão”, análise da doxa, de saberes/poderes, no seu caso modernidade, pos modernidade e como nesses se constrói saberes sobre a família. Há, portanto que ter espaço institucional para a reflexão compreensiva que envolve entre outros saberes, a filosofia, a sociologia do conhecimento, a psicanálise e o direito, o que mais uma vez deixa em aberto a questão sobre os ritmos, tempos de maturação que são necessários para tal empreendimento, percorrer itinerários de conhecimentos e o limitado tempo acadêmico.

A Interdisciplinaridade em se fazendo , na área Do Programa de Pos Graduação em Família na Sociedade Contemporanea-UCSAL: O Projeto Cuidar

Em dezembro de 2008 foi aprovado pelo CNPq, projeto apresentado em conjunto por professores do Programa de Pos Graduação em Família, intitulado GÊNERO E FAMÍLIA EM MUDANÇA: PARTICIPAÇÃO DE PAIS NO CUIDADO

COTIDIANO DE FILHOS PEQUENOS⁷ e que ficou conhecido como o PROJETO CUIDAR. Em março de 2011 entregamos o Relatório dessa pesquisa ao CNPq, que foi aprovado pela Universidade Federal da Bahia para publicação (prevista para final de 2012). Além do grupo participe do Projeto original, foram agregados outros professores e alunos do Programa, tendo-se produzido vários textos, alguns já publicados. Há muito apresentamos a proposta, ainda não materializada, de que tal experiência fosse objeto de seminários avançados, para que de um trabalho multidisciplinar de fato, por debates viesse a ser um trabalho interdisciplinar. As agendas próprias de cada professor/pesquisador condicionou que tal idéia ainda que bem recebida fosse implicitamente arquivada no inventário de boas intenções, que a dinâmica institucional, ou seja acadêmica, vai minando.

A seguir faço referências a vôo de pássaro ao Projeto Cuidar, para melhor modelar a tese de que a interdisciplinaridade se nutre da multidisciplinaridade-intenção explícita no Projeto apresentado ao CNPq-- e que essa em si tem uma identidade própria, não devendo ser referida como um tipo situado na mais baixa escala da cadeia de conhecimento que almeja o transdisciplinar, ou o mais além das disciplinas. O multidisciplinar pede tanto profissionais que manejem e bem os códigos de suas disciplinas, como se lance à alteridade, buscando compreender os códigos das outras disciplinas referidas ao objeto de estudo., mesmo que não se proceda o diálogo, a comunicação crítica-o que de fato não se teve ainda na experiência do Cuidar.

Note-se que a propriedade de explorar uma transversalidade discursiva seria dada pelo *corpus*, família, lendo-se no Projeto enviado ao CNPq (ver nota 8) :

Por sua complexidade e caráter multidisciplinar, a família, enquanto objeto de estudo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, exige transversalidade no tratamento de trânsitos entre o micro e o molecular, sendo ao mesmo tempo um agregado (construção) de unidades (construtos) que se relacionam⁸ e palco de identificações e des-identificações de unidades como o pai, a mãe e os filhos. A transversalidade aplicada à família indica que esta é objeto de diversos olhares que a atravessam, reconhecendo nela, para citar alguns indicadores teóricos: a. seu caráter de espaço social, no qual os membros que a constituem são instados à participação em eventos que lhes conferem identidade (Lévi-Strauss, 1976); b. sua denominação de fato social, a partir do que os indivíduos vivenciam as ocorrências constitutivas da vida (Sarti, 2003); c. a condição de lugar de estruturação psíquica em que o sujeito tem o aporte para desenvolver-se psicologicamente (Mizhari, 2004); d. o

⁷ **Co-coordenação:** Mary Garcia Castro (socióloga) e Ana M. A. Carvalho (psicóloga). Pesquisadores participantes da elaboração do Projeto original: Elaine Pedreira Rabinovich (psicóloga); Vanessa R.S. Cavalcanti (historiadora) Livia A. Fialho da Costa (antropóloga); Anamélia L.S. Franco (psicóloga); Lúcia V.C. Moreira (psicóloga); Giancarlo Petrini (sociólogo) e José E. X. Menezes (filósofo)

⁸ Sobre a relação entre construto e construção, ver Butler, 1995.

papel de incitadora do desenvolvimento de relações de cidadania (Pereira, 2004; Donati, 2003); e. seu estatuto de fundação e fundamento social (Giddens, 2005); f. sua atribuição de promotora de normas de conduta (Braganholo, 2005); g. sua construção social, quando imaginário sobre parentesco consubstancia divisões de poder e sentidos, condicionando e sendo condicionada por sistema de gênero (Piscitelli, 2006).

.....

Privilegiar apenas um olhar disciplinar quando o tema é família pode resultar num estreitamento de horizontes empírico-conceituais que pouco informa sobre as múltiplas dimensões e implicações de uma realidade. Como objeto da investigação científica, a família vem exigindo, portanto, a participação de disciplinas e conhecimentos diversos, o que implica transitar por bases epistemológicas e metodológicas variadas. Partindo dessa premissa, a compreensão da realidade familiar no Brasil requer uma reflexão aprofundada mediante uma **construção multidisciplinar**. Nessa perspectiva, este projeto, a ser desenvolvido no contexto privilegiado de um **programa multidisciplinar de pós-graduação**, integra diversas abordagens, tentando promover uma interlocução entre teorias e métodos capazes de clarificar dados coletados em campo junto a famílias baianas de nível sócio econômico médio alto e baixo, com foco na participação de pais no cuidado cotidiano da criança pequena.

Minha reflexão é que a equipe do Cuidar muito avançou em tais nortes, da multidisciplinaridade, se a referencia é o trabalho coletivo, e que muito se enveredou por orientação inter disciplinar na elaboração de vários textos individualizados, ou seja, que compõe o Cuidar. Mas muito falta para que de fato com o Projeto Cuidar tenhamos institucionalmente uma pratica interdisciplinar, já que essa exige debates ampliados, públicos, criticas conceituais e de marcos cognitivos.

Fica a questão mais ampla: em uma estrutura, como a universidade, que estimula a competição, as demarcações disciplinares, já que essas orientações corporativas traduzem poderes ou zonas de conforto, verdades auto contidas, como avançar alem da multidisciplinaridade?

A interdisciplinaridade é uma epistemologia em construção, que envolve uma práxis combinatória de pesquisas e debates , aportada portanto em uma dialógica de estudo ampliado. Traduzindo para o institucional, a academia no caso, a interdisciplinaridade se constrói na combinação de análises e ensaios com a docência e, ideal maior, também com a extensão ou o ativismo, ou a proposição/avaliação de políticas--o chamado por alguns ‘o saber para intervenções’ e por outros ‘para transformações’.

FECHANDO, OU MELHOR, ABRINDO QUESTÕES

Sugere Weber que ao político cabe afirmar para convencer, e ao intelectual, duvidar e questionar, inclusive de suas verdades epistêmicas, intenções messiânicas, e principalmente do senso comum, como sugere Bourdieu,--três vícios que muito contaminam abordagens sobre família, já que como se refere a antropóloga Cintia Sarti, o problema dos estudos de família, é que todos sabem tudo sobre tal relação/instituição e, subliminarmente, temos uma família idealizada como parte de um subconsciente coletivo. Essa pode ser, a nossa, a melhor de todas, ou a pior, o que nos faz idealizar outra família como a ideal. É comum no acervo de estudos sobre família se defender mantras como: as uniões que não se encaixam em um modelo X, comumente nuclear, convivente, monogâmico, sustentado por divisões sexuais de trabalho, poder e prazer, são “famílias desestruturadas” ou “disfuncionais”; ou, outro mantra comum em estudos sobre família: as famílias são diversas, vale todo tipo de união para ser chamada família, desde que heterossexual, voltada para a reprodução biológica, a domesticação da sexualidade e bem desempenhe o papel de reprodução ampliada do sistema social vigente, via socialização para valores do “bem”, educação, disciplinamento das novas gerações, ou, o que também vem se constituindo em outro mantra do saber pos moderno: não existe família, existe famílias entendidas como ajuntamento de pessoas que se gostam, comumente por um tempo, e pronto ou que por um tempo tenham um projeto em comum, o que pode ser um coito prazeroso ou a compra de um apartamento.

O principio de neutralidade axiológica dificilmente pode ser aplicado aos estudos sobre família. E ótimo que assim o seja, mas por outro lado uma postura critica e auto critica sobre o que se escreve sobre família nem sempre é exercida no nosso campo.

Claro que tendo à parodia quando me refiro a certos valores sobre família, repetidos *ad nauseam* ou o que antes me referi como mantras. Essa é uma leitura caricatural de uma área que no Brasil, estudos sobre família, e em particular no nosso Programa de Pos Graduação em Família na UCSAL conta com um capital cultural de alto nível acadêmico, reconhecido por pares a nível internacional.

Adianto que nos trabalhos dos colegas do Programa, leitura básica para elaboração dessas reflexões que comparto neste texto. Conta-se hoje no Programa com uma literatura de ponta e diversificada quanto a quadros teóricos, metodologias e, interesses de intervenção.-Recomendo em particular para um conhecimento da nossa

comunidade, e aí o pretendido exercício de aproximações interdisciplinares sobre família, intenção comumente explícita na maioria dos textos, a coleção “Família na Sociedade Contemporânea.” que já conta com vários títulos.

Cito, algumas das publicações dessa coleção, destacando tropos que a meu juízo bem ilustram a preocupação com uma multifocalidade do tema família, o que defendo deve ser cultivado e possivelmente mais ou tão importante como a chamada interdisciplinaridade: “Família **em Mudança**” (organizado pelas antropólogas Cristine JACQUET e Livia FIALHO); “Família, **gênero e gerações. Desafios para as políticas sociais**” (organizado pelas sociólogas Ângela BORGES e Mary Garcia CASTRO); “Família, **subjetividade, vínculos**” (organizado pelas psicólogas Lucia MOREIRA e Ana M. A. CARVALHO); “Família e **educação, olhares da psicologia**” (organizado por Lucia MOREIRA e Ana M.A. CARVALHO); “Família, População, **Sexo e Poder. Entre saberes e polemicas**” (organizado Jose MENEZES e Mary Garcia CASTRO, o primeiro originalmente dos campos da filosofia e psicanálise). Também são publicações de autores do Programa: “Família XXI. Entre **pos modernidade e cristianismo**” (organizado por João Carlos PETRINI, Lucia MOREIRA e Miriã de ALCANTARA, o primeiro sociólogo, Moreira e Alcântara, psicólogas). A maioria dos livros citados são antologias, aí estão trabalhos de outros membros do Programa, como os de Elaine RABINOVICH, psicóloga (autora de “**Resiliencia e Brasilidade**” em “Família em Mudança”); Isabel Sampaio OLIVEIRA LIMA, juíza de direito (autora de “A família, na **proteção integral ao adolescente em conflito com a lei**, também no livro “Família em Mudança”) e Vanessa Ribeiro Simon CAVALCANTI (historiadora, que em colaboração com o doutorando em direito Ulisses Campos de ARAUJO, elaborou o texto “A Família como primeira Opção: abordagens teóricas e interdisciplinares sobre **pobreza e políticas públicas**” in “Família, População, Sexo e Poder. Entre saberes e polemicas”

Esta é uma amostra não representativa da produção dos autores citados, e não exaustiva da produção dos professores do Programa, já que outros não foram referidos, mas ilustrativa de que todo saber se move no interesse de domesticar por um quadro próprio, o objeto que focaliza.

Em resumo, de fato a complexidade do tema família não comporta abordagens disciplinares exclusivas, já que se relaciona a temas que não são propriedades de uma área de saber, e que podem ser abordados em cada área de conhecimento, por paradigmas teórico-metodológicos em disputa, com diferentes e divergentes

conjugações saber/poder. Assim nem todos os sociólogos, psicólogas e membros docentes do Programa se alinham a uma mesma corrente ou conceituam de igual forma temas como, mudanças sociais, gênero, gerações, políticas sociais, educação, sexualidade, proteção integral do adolescente em conflito com a lei, pobreza, pos modernidade e - bom ai já sou leiga - quem sabe, até transcendência, quando se tem como referencia, o estudo da família.

Coerente com o principio sugerido por Weber, de que ao intelectual cabe duvidar, o fecho deste texto é provisório. Procurei mais que respostas compartilhar questões, que espero frutifiquem em muitos debates futuros, já que uma das propostas capilares do saber interdisciplinar, insisto, é a polemica, a disputa de interpretações e não necessariamente, como muitos parecem advogar implicitamente e praticar em seus trabalhos, uma bricolagem de saberes para apreensão de uma totalidade, a família, que se considera “multifacetica” (termo que está na introdução de vários estudos sobre família) e que então pode “ser lida por vários enfoques” (outra comum reflexão).

Fica então como ultimas questões: Existe só uma forma de ser interdisciplinar? E o tema família, pede que tipo ou tipos de interdisciplinaridades?. É interdisciplinar ler textos de autores de outras áreas que não da nossa formação original ou de exercício profissional e se apropriar de conceitos elaborados com códigos teóricos próprios, interesses próprios e encaixar no nosso marco de referencia? Ou buscar em outras praias do saber/poder , saberes que reafirmem os nossos poderes, nossas propostas para o estudo da família? Ou, de fato, como sugere CASANOVA (2006, cit in Castro 2011) a interdisciplinaridade poderia vir a colaborar não só na critica ao outro conhecimento, à outra disciplina, mas também às nossas referencias, considerando projetos de intervenção que mais aproximem o ser e o saber?

REFERENCIAS

ADORNO, Theodor W “O Ensaio como Forma” in COHN, Gabriel e FERNANDES, Florestan **Theodor W. Adorno. Sociologia**, Ed Ática, São Paulo, 1986

ALVARENGA, Augusta Thereza de **A importância e Desafio da Interdisciplinaridade para o Avanço da Ciência e Tecnologia no Mundo Contemporâneo**-Faculdade de Saúde Publica, USP. Apresentado na Reunião de

Coordenadores dos Programas de Pos Graduação da Área Multidisciplinar da CAPES, Brasília, 2007-*power point*

BORGES, Ângela e CASTRO, Mary Garcia (org.) **Família, gênero e gerações. Desafios para as Políticas Sociais.** Ed Paulinas, São Paulo, 2007

BRITO DE J. PEREIRA, Marlene “Gênero como variante do micro poder familiar”, dissertação de Mestrado, Programa Pos Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSAL, Salvador, 2008)

BUTLER, Judith **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade Rio de Janeiro:** Editora Civilização Brasileira, 2005

CASTRO, Mary Gênero e Poder. Leituras Transculturais --Quando o Sertão é Mar, mas o Olhar Estranha, Encalha em Recifes, **Revista PAGÚ**, 1/2002

CARVALHO, Ana in Carvalho, Ana e Castro, Mary Garcia (org.) **Gênero e Família em Mudança: Participação de Pais no Cuidado Cotidiano de Filhos Pequenos,** (Xerox- a ser publicado EDUFBA, 2012)

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon e Ulisses Campos de ARAUJO “A Família como primeira Opção: abordagens teóricas e interdisciplinares sobre pobreza e políticas publicas” in Menezes, Jose, E.X. e Castro, Mary Garcia **Família, População, Sexo e Poder. Entre saberes e polemicas** Ed Paulinas, São Paulo, 2009

CAVALCANTI, Vanessa Barbara CALDEIRA . Maria de Fátima DI GREGORI, e Claudia de Faria BARBOSA in Carvalho, Ana e Castro, Mary Garcia (org.) **Gênero e Família em Mudança: Participação de Pais no Cuidado Cotidiano de Filhos Pequenos,** (Xerox- a ser publicado EDUFBA, 2012)

CASANOVA , Pablo **As Novas Ciências e as Humanidades.** Da Academia à Política. Ed Boi Tempo, São Paulo, 2006

CASTRO, Mary Garcia – “Por uma epistemologia interdisciplinar no campo das humanidades.”-a ser publicado pela FAPESB, org. Terezinha Froes, 2011

CASTRO, Mary Garcia e MENEZES, Jose E.X., Apresentação - in Menezes e Castro, org., 2009:13) **Família, População, Sexo e Poder. Entre saberes e polemicas** Ed Paulinas, São Paulo, 2009

DONATI, Pierpaolo **Família no século XXI. Abordagem relacional.** Ed Paulinas, São Paulo, 2008

JACQUET, Christine e FIALHO COSTA, Livia **Família em Mudança** Cia Ilimitada, São Paulo, 2004

LEIS, Hector Ricardo In CADERNOS DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIENCIAS HUMANAS -

http://cmapspublic2.ihmc.us/rid=1181318845890_1252767148_7539/CadPesIDCieHum_2005_73_1.pdf - CONSULTADO 1.2.2011

MACHADO, Genival in Jacquet e Fialho da Costa **Família em Mudança** Cia Ilimitada, São Paulo, 2004:p311 e 312

MENEZES, Jose E.X. “Usos Foucaultianos da Categoria Família” in JACQUET, Christine e FIALHO COSTA, Livia **Familia em Mudança** Cia Ilimitada, São Paulo, 2004

MENEZES, José E.X; e CASTRO, Mary Garcia (org) **Família, População, Sexo e Poder. Entre saberes e polemicas** Ed Paulinas, São Paulo, 2009

MOREIRA, Lucia e e CARVALHO, Ana Maria in MOREIRA, Lucia e Ana M.A. CARVALHO (orgs) “**Família e educação, olhares da psicologia**”. Ed Paulinas, São Paulo, 2009

OLIVEIRA LIMA, Isabel Sampaio “A família, na proteção integral ao adolescente em conflito com a lei, in JACQUET, Christine e FIALHO COSTA, Livia **Família em Mudança** Cia Ilimitada, São Paulo, 2004

PETRINI, JOAO Carlos; MOREIRA, LUCIA Vaz de Campos e ALCANTARA, Miriã Alves Ramos **Família XXI. Entre Pos modernidade e cristianismo**. Cia Ilimitada, São Paulo, 2003

PETRINI, João Carlos **Pos Modernidade e Família. Um itinerário de compreensão**. Ciências da Família, EDUSC, São Paulo, 2003

RABINOVICH, Elaine Resiliencia e Brasilidade in JACQUET, Christine e FIALHO COSTA, Livia **Família em Mudança** Cia Ilimitada, São Paulo, 2004

SOUSA BASTOS, Ana Cecília, Apresentação in PETRINI, João Carlos **Pos modernidade e Família. Um itinerário de compreensão**, EDUSC, São Paulo, 2003

THERBORN, G **Sexo e Poder, a Família no Mundo, 1900-2000**, São Paulo, Contexto, 2006.